

Tudo começou
com uma misteriosa
mensagem de amor.
Mas como irá acabar?

PALAVRAS AMARGAS

VI KEELAND
PENELOPE WARD

AUTORAS BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

TOP
SEL
LER

*Para a Kimberly, por ter encontrado
a casa certa para o Reed e a Charlotte.*

Charlotte

Há um ano, não me apanhariam aqui nem morta. Não me interprete mal: não sou nenhuma snobe. Quando era miúda, eu e a minha mãe passávamos horas a inspecionar os cabides da loja em segunda mão. E, nessa altura, segunda mão era considerada beneficência e as lojas localizavam-se predominantemente nos bairros de classe média. Hoje em dia, os artigos em segunda mão são apelidados de *vintage* e vendidos no Upper East Side por uma pequena fortuna.

Eu já era adepta das «roupas usadas em excelente estado» antes da gentrificação de Brooklyn. O meu problema não se prendia com o facto de ser roupa em segunda mão. O meu problema com os vestidos de noiva usados eram as histórias que eu imaginava que eles carregavam.

Porque estariam ali?

Retirei do porta-cabides um vestido Vera Wang com corte princesa, decote coração, corpete cruzado e saia de tule em cascata. *Expetativas que não passaram de um mero conto de fadas. Divorciada ao fim de seis meses, sentenciei.* Um delicado vestido de renda Monique Lhuillier com corte sereia. *O noivo morreu num aparatoso acidente de viação.* Inconsolável, a noiva, que nunca chegou a gozar o casamento, doou o vestido à igreja para a venda anual de recolha de donativos. Uma cliente astuta adquiriu-o por uma pechincha e revendeu-o, triplicando assim o retorno sobre o investimento.

Todos os vestidos usados tinham uma história, e a minha seria: *afinal, ele não passava de um filho da mãe traidor*. Suspirei e regresssei para junto das duas mulheres ao balcão, que estavam a meio de uma discussão em russo.

— É da coleção do próximo ano, não é? — perguntou a mulher mais alta e com estranhas sobranceiras pintadas de forma irregular.

Tentei não olhar para elas, mas não consegui.

— Sim. É da coleção de primavera da *Marchesa* — respondi.

As mulheres continuaram a folhear os catálogos, apesar de eu lhes ter dito 20 minutos antes, quando entrei, que o vestido era de uma coleção futura que ainda não estaria disponível. Presumi que pretendessem obter uma visão geral dos preços originais do estilista.

— Acho que não o vai encontrar aí. A minha futura sogra... a minha *ex-futura sogra* — corrigi — é familiar de um dos estilistas, ou algo do género. — As mulheres fitaram-me por momentos e depois retomaram a discussão. *Pois muito bem*. — Aparentemente, precisam de mais tempo — murmurei.

Ao fundo da loja, encontrei um porta-cabides com a etiqueta «Feitos há medida». Sorri. A mãe do Todd teria tido um ataque cardíaco se a tivesse levado a uma loja onde encontrasse erros ortográficos nas etiquetas. Já tinha ficado horrorizada quando fui à procura de um vestido numa loja que não lhe serviu champanhe enquanto eu estava no provador. Meu Deus, eu andara tão cegamente embriagada com a Roth, que quase me tornara numa daquelas cabras emproadas.

Passei as pontas dos dedos pelos vestidos feitos à medida e suspirei. Provavelmente, tinham histórias ainda mais interessantes por trás. Noivas ecléticas com demasiado espírito livre para os seus entediados namorados ou noivos; mulheres determinadas que remavam contra a maré, que participavam em manifestações políticas, que sabiam o que queriam.

Parei junto de um vestido branco evasê adornado com rosas vermelhas e fios vermelhos na parte da frente do corpete. *Trocou o namorado banqueiro pelo artista francês do apartamento ao lado e este foi o vestido que usou quando casou com o Pierre*.

Nenhum vestido de estilista poderia adequar-se a estas mulheres, pois elas sabiam exatamente o que queriam e não tinham medo de o dizer. Seguiam os desejos dos seus corações. Eu invejava-as. Também já *fui* uma delas.

No fundo, eu era uma rapariga de vestidos feitos há medida — com erro ortográfico e tudo. Quando é que havia perdido a minha essência e me tornara uma conformista? Não tivera coragem de admitir à mãe do Todd o que queria verdadeiramente, e foi assim que acabei com um vestido de noiva elegante e aborrecido.

Quando cheguei ao último vestido do porta-cabides com a etiqueta «Feitos há medida», tive de parar por instantes.

Plumas!

As plumas mais bonitas que alguma vez havia visto. E o vestido não era branco; era rosa-claro. O vestido *perfeito*. Era exatamente aquilo que eu teria escolhido se me fosse permitido ter um vestido feito *há* medida. Não era um vestido qualquer; era o vestido. O corpete, todo coberto de renda, não tinha alças e fazia uma ligeira curva, com pequenas e delicadas plumas a espreitarem do decote, conduzindo a uma bela saia trompette. Em baixo, tinha um crescendo de plumas. O vestido *cantava*. Era mágico.

Uma das empregadas viu-me a admirá-lo.

— Posso experimentar este vestido?

Ela assentiu com a cabeça e conduziu-me a um provador na parte de trás.

Despi-me e enfiei cuidadosamente o vestido. Infelizmente, o meu vestido de sonho era um tamanho abaixo do meu. Nos últimos tempos, o stress aumentara-me o apetite e o meu corpo começava a ressentir-se. Não apertei o fecho na parte de trás e deliciei-me ao mirar a minha imagem ao espelho. *Aquela*. Aquela não parecia a rapariga de 27 anos que dera recentemente com os pés ao noivo traidor. Não parecia uma rapariga que precisava de vender o vestido de noiva para conseguir comer alguma coisa que não fosse *ramen* nas duas principais refeições do dia.

Aquele vestido fazia-me sentir a pessoa mais despreocupada do mundo. Não queria despi-lo. Contudo, para ser sincera, estava a transpirar e não o queria estragar.

Antes de o despir, olhei-me ao espelho uma última vez e apresentei-me à pessoa imaginária que estava a admirar o meu novo eu. Sentindo-me confiante, de mãos apoiadas nas ancas, disse:

— Olá, o meu nome é Charlotte Darling. — Ri-me, pois mais parecia uma pivô.

Despi o vestido e a minha atenção prendeu-se num remendo azul no parte interior, um pedaço de papel cosido ao forro.

Algo emprestado, algo azul, algo velho, algo novo. Não era assim que mandava a tradição? Ou seria ao contrário?

Ocorreu-me que talvez aquilo fosse o «algo azul».

Observei-o mais de perto, semicerrando os olhos para ler a mensagem. Havia uma gravação em relevo na parte superior: «Do gabinete de Reed Eastwood.» Passei o dedo por cima de cada letra, à medida que ia lendo.

Para a Allison

«Ela disse: “Perdoa-me por ser uma sonhadora.” Ele pegou-lhe na mão e respondeu: “Perdoa-me por não ter estado aqui mais cedo para sonhar contigo.”» — J. Iron Word

Obrigado por tornares todos os meus sonhos realidade.

O teu amor,

Reed

O meu coração batia descompassadamente. Era a coisa mais romântica que alguma vez havia lido. Nem conseguia perceber como é que aquele vestido viera ali parar. Que mulher no seu perfeito juízo abdicaria daquele sentimento avassalador? Se eu achara aquele vestido perfeito... agora era sem dúvida *mesmo perfeito*.

Esse tal de Reed Eastwood amara-a. *Oh, não!* Oxalá a Allison não tivesse morrido. Porque um homem que escreve aquelas palavras a alguém não se desapaixona facilmente.

A empregada chamou por mim.

— Está tudo bem?

Abri a cortina do provador.

— Sim... sim. Para dizer a verdade, acho que me apaixonei por este vestido. Já sabe quanto é que posso receber pelo meu vestido *Marchesa*?

Ela abanou a cabeça.

— Não damos dinheiro. Apenas crédito para usar na loja.

Merda.

Precisava mesmo do dinheiro.

Apontei para o vestido das plumas rosa-claro.

— Quanto custa este vestido?

— Podemos fazer troca por troca.

Era uma proposta tentadora. O vestido era o meu espírito animal e eu sentia que aquela mensagem poderia ter sido escrita para mim pelo meu noivo perfeito imaginário. Não queria ter de adivinhar a história por detrás daquele vestido. Queria *vivê-la*, criar a minha própria história para o vestido. Talvez não agora, mas um dia, no futuro. Queria um homem que me valorizasse, que quisesse partilhar os mesmos sonhos que eu e que me amasse incondicionalmente. Queria um homem que me deixasse uma mensagem daquelas.

Precisava de pendurar o vestido no meu guarda-roupa, para me lembrar todos os dias de que o verdadeiro amor pode existir.


Respondi-lhe antes que mudasse de ideias.

— Vou levá-lo.

2

Charlotte

Dois meses depois

 meu currículo precisava de uma remodelação. Após duas horas a pesquisar anúncios de emprego na Internet, percebi que teria de embelezar um pouco as minhas competências.

O emprego temporário merdoso que eu terminara nesse dia poderia abrihantantar a minha experiência administrativa. Pelo menos, ficaria bem no papel. Abri o meu currículo mal-amanhado em *Word* e acrescentei o meu cargo mais recente como assessora jurídica. «Worman e Associados.» Isso, sim, era um nome que assentava como uma luva. O David Worman¹, o advogado que me contratara para o emprego de 30 dias, podia, de facto, ser descrito como meio verme, meio homem. Depois de introduzir as datas e o endereço, recostei-me na cadeira a pensar no que poderia enumerar como experiência obtida a trabalhar para aquele idiota.

Vejamos... Bati com o dedo no queixo. O que é que fiz para aquele verme esta semana? Hum...

Ontem tirei-lhe a mão do meu rabo enquanto o ameaçava com uma queixa à Autoridade para as Condições do Trabalho. Sim, precisava de acrescentar isso ao meu currículo. Escrevi: «Apta a realizar várias tarefas em simultâneo num ambiente de grande pressão.»

¹ «Worm» significa «verme», em português. [N. T.]

Na terça-feira, o verme ensinou-me a alterar a data da máquina de selos postais para uma data anterior, para que o fisco pensasse que o seu cheque já caducado para o pagamento de impostos estava dentro do prazo e não lhe cobrasse uma multa. *Isto é informação valiosa.* Também precisava de a acrescentar: «Responsável no cumprimento de prazos.»

Na semana passada, mandou-me à loja da *La Perla* buscar dois presentes: algo bonito para o aniversário da mulher e uma peça sexy para uma «amiga especial». Podia ter acrescentado um presente para mim própria na conta daquele sacana. Sabe Deus que não me encontro em condições de comprar um fio dental de 38 dólares. «Demonstro uma excelente ética de trabalho e empenho em projetos especiais.»

Após acrescentar mais alguma palha, enviei o currículo para uma dezena de novas empresas de trabalho temporário e recompensei-me com um copo de vinho cheio até à borda.

Que vida entusiasmante a minha! Sou uma rapariga de 27 anos, solteira, na cidade de Nova Iorque, e, a uma sexta-feira à noite — nem 8 da noite são —, estou de calças de fato de treino e t-shirt. Porém, na verdade, não tinha vontade nenhuma de sair. Não tinha vontade nenhuma de bebericar martinis de 16 dólares num bar elegante onde homens como o Todd envergavam fatos caros para ocultarem o seu lobo interior. Assim, cliquei no ícone do *Facebook* e decidi bisbilhotar a vida das outras pessoas — ou, pelo menos, a vida que decidiam exhibir.

A minha página inicial estava repleta de publicações típicas de uma sexta-feira à noite: sorrisos em *happy hours*, fotografias de comida e dos bebês de alguns amigos que tinham sido pais. Percorri distraidamente as publicações, enquanto bebericava o meu vinho, até me deparar com uma publicação que me fez travar o dedo. O Todd tinha partilhado uma fotografia publicada por outra pessoa. Era uma fotografia dele de braço dado com uma mulher — uma mulher muito parecida comigo. Ela podia passar por minha irmã: cabelo louro, grandes olhos azuis, pele clara, lábios grossos e um olhar de adoração que eu outrora também tivera pelo Todd. Pela forma como estavam vestidos, pareceu-me que talvez fossem a um casamento. Depois li a legenda abaixo: «Todd Roth e Madeline Elgin anunciam o seu noivado.»

Noivado?!

O nosso noivado terminara há 77 dias — não que eu estivesse a contar —, e ele já tinha pedido outra pessoa em casamento? Por amor de Deus! Ela nem sequer era a mulher com quem eu o apanhara a trair-me.

Tinha de ser engano. A minha mão tremia de raiva à medida que meixia o rato e clicava na página do Todd. Contudo, como era óbvio, não era um engano. Havia dezenas de mensagens de parabéns e ele chegara mesmo a responder a algumas. Publicara também uma fotografia dos dois de mãos dadas, exibindo o anel de noivado no dedo dela. *O meu maldito anel de noivado!* O meu elegante ex-noivo nem se dera ao trabalho de o trocar depois de eu lho ter atirado à cara, enquanto ele ainda estava a puxar o fecho das calças. Certamente, não trocara o colchão onde tínhamos dormido durante dois anos, antes de eu sair de casa. Na verdade, o mais provável era a *Madeline* já ser uma funcionária da cadeia de lojas da Roth e estar agora sentada à minha antiga secretária, a fazer o trabalho do qual eu me demitira para não ter de olhar todos os dias para a cara daquele traidor.

Sentia-me... Nem tinha bem a certeza de como me sentia. Nauseada. Derrotada. Irritada. *Substituível.*

Por mais estranho que parecesse, não sentia ciúmes pelo facto de o homem que eu pensava que amava ter seguido em frente. Apenas doía muito ser tão facilmente substituída, o que vinha confirmar que aquilo que tínhamos vivido não era de todo especial. Depois de eu ter rompido o noivado, ele jurara que voltaria a conquistar-me e dissera-me que eu era o amor da vida dele e que nada o impediria de me provar que estávamos destinados a ficar juntos. As flores e os presentes acabaram ao fim de duas semanas. As chamadas acabaram ao fim de três. Agora eu sabia porquê — ele encontrara *novamente* o amor da sua vida.

Não chorei, o que até a mim me chocou. Só me senti triste. *Muito triste.* Além da minha vida, do meu apartamento, do meu trabalho e da minha dignidade, o Todd roubara-me o ideal em que eu sempre acreditara: o verdadeiro amor.

Recostei-me na cadeira e fechei os olhos, respirando fundo, de forma purificadora. Depois decidi que não iria receber aquelas notícias de ânimo leve. *Que treta!* Não tinha outra hipótese senão tomar uma medida. Assim,

fiz aquilo que qualquer rapariga despeitada de Brooklyn faria depois de descobrir que o ex-noivo nem sequer tinha esperado que a cama arrefecesse antes de trazer outra mulher para casa. *Acabei com a garrafa de vinho.*

Sim. Estava bêbeda.

Mesmo que a minha fala não estivesse arrastada, o facto de me encontrar dentro de um vestido de noiva com plumas, com o fecho das costas totalmente aberto, enquanto bebia vinho diretamente da garrafa atestava a minha embriaguez. Inclinei a cabeça para trás de uma forma muito pouco digna de uma senhora e bebi as últimas gotas, antes de pousar a garrafa na mesa com estrondo. O meu computador portátil saltou, saindo do modo de suspensão. Fui saudada pelo casal feliz.

— Ele vai fazer-te a mesma coisa. — Abanei o dedo em frente ao ecrã. — Sabes porquê? Porque um traidor é sempre um traidor.

As malditas plumas do vestido fizeram-me novamente cócegas na perna. Acontecera uma dezena de vezes ao longo da última hora, e, em cada uma delas, eu era capaz de jurar que se tratava de um inseto a subir-me pela perna. Quando me baixei de novo para dar uma palmada na perna, a minha mão raspou em algo e eu percebi o que era. *O bilhete azul.*

Levantei o debrum e puxei para cima o interior do vestido, para ler novamente a mensagem.

Para a Allison

«Ela disse: “Perdoa-me por ser uma sonhadora.” Ele pegou-lhe na mão e respondeu: “Perdoa-me por não ter estado aqui mais cedo para sonhar contigo.”» — J. Iron Word

Obrigado por tornares todos os meus sonhos realidade.

*O teu amor,
Reed*

O meu coração deixou escapar um suspiro de inveja. *Tão lindo. Tão romântico.* O que teria acontecido àqueles dois para que este vestido especial tivesse acabado nas mãos de uma rapariga bêbeda, em vez de ser estimado e passado para as filhas deles? Era pouco provável que o conseguisse encontrar, mas, de qualquer forma, já não aguentava olhar mais para a cara do Todd. Por isso, escrevi no *Facebook*: «Reed Eastwood.»

Imagine-se a minha surpresa quando apareceram dois homens com esse nome que viviam em Nova Iorque. O primeiro parecia ser sexagenário. Embora o vestido fosse um pouco sexy demais para uma noiva da idade dele, entrei no seu perfil só para ter a certeza.

Esse Reed Eastwood tinha uma mulher chamada Madge e um *golden retriever* chamado *Clint*. Também tinha três filhas e chorou quando acompanhou uma delas ao altar, no ano passado.

Embora uma parte de mim desejasse verdadeiramente bisbilhotar as fotografias de casamento da filha do Reed para me torturar um pouco mais, passei para o Reed Eastwood seguinte.

Quando a sua fotografia de perfil surgiu no ecrã, a minha pulsação acelerou, trazendo-me de volta à sobriedade. *Aquele* Reed Eastwood era lindo de morrer. Na verdade, era tão incrivelmente bonito, que eu pensei que poderia tratar-se da fotografia de um modelo que alguém usara na brincadeira ou para enganar outras pessoas. Porém, quando cliquei nas fotografias, havia mais imagens do mesmo homem. Cada uma mais bonita do que a anterior. Ele não tinha muitas fotografias, mas a última em que cliquei era dele e de uma mulher, tirada há alguns anos. Era uma fotografia de noivado: Reed Eastwood e *Allison Baker*.

Encontrara o autor do bilhete azul e o seu amor.

O meu telemóvel estava a dançar como uma bola saltitona sobre a mesa de cabeceira. Inclinei-me para o alcançar, mas, assim que peguei nele, a chamada foi para o voicemail. Eram 11h30. Caramba, tinha apagado mesmo! Tentei engolir, mas a minha boca estava mais seca do

que o deserto. Precisava de um grande copo de água, de ibuprofeno, de uma casa de banho e de fechar as persianas para impedir a entrada do sol horrivelmente brilhante.

Arrastei-me até à cozinha, numa terrível ressaca, e obriguei-me a reidratar o corpo, embora beber água me deixasse com náuseas. Havia uma possibilidade real de a água e os comprimidos seguirem na direção oposta num futuro próximo. Precisava de me deitar. De regresso ao quarto, passei pelo computador portátil pousado sobre a mesa da cozinha. O computador era uma lembrança dolorosa da indistinta noite anterior e do motivo pelo qual tinha bebido uma garrafa de vinho sozinha.

O Todd está noivo.

Sentia-me furiosa com ele por eu estar um caco, e ainda mais furiosa comigo própria por ter permitido que ele estragasse outro dia da minha vida.

Argh!

A minha memória estava enevoada, mas a imagem do casal feliz revelava-se, obviamente, clara como o dia. Fui acometida por um pânico súbito — *Meu Deus, espero não ter feito nada estúpido de que não me lembre*. Tentei ignorar esse pensamento e consegui chegar até à porta do quarto, mas sabia que nunca iria conseguir descansar, com aquela sensação de inquietude que se abatera sobre mim. Regressei à mesa, levantei a tampa do computador portátil e fui diretamente às mensagens. Deixei escapar um suspiro de alívio ao descobrir que não tinha enviado nenhuma mensagem ao Todd. Depois arrastei-me até à cama.

Só ao início da tarde é que comecei finalmente a sentir-me humana, pelo que fui tomar um duche. Quando terminei, puxei o telemóvel do carregador e sentei-me na cama, com o cabelo embrulhado na toalha, a ler as mensagens de texto. Tinha-me esquecido de que o telemóvel me acordara de manhã, até ver a notificação do voicemail. Era provavelmente mais uma empresa de trabalho temporário que queria desperdiçar um dia a entrevistar-me quando não tinha um trabalho para oferecer. Carreguei no botão de reprodução e agarrei na escova para me pentear, enquanto ouvia a mensagem.

«Olá, Sra. Darling. Fala a Rebecca Shelton, da Eastwood Properties. Estou a ligar para responder ao seu pedido para ver a penthouse da Millennium Tower. Vamos receber potenciais interessados hoje às 16 horas. O Sr. Eastwood estará na penthouse, se quiser visitar o espaço mais tarde. Talvez por volta das 17 horas? Ligue-nos para confirmar se tem disponibilidade para este horário. O nosso número é...»

Não consegui ouvir o número de contacto, pois larguei o telemóvel, deixando-o cair sobre a cama. *Oh, meu Deus!* Tinha-me esquecido completamente de que andara a espiar o fulano do bilhete azul. Por entre o nevoeiro, começaram a surgir resquícios de memória. Aquele rosto. *Aquele rosto lindo.* Como poderia ter-me esquecido disso? Lembrava-me de ter clicado nas fotografias... e depois na biografia... o que me conduziu a um site da Eastwood Properties. Mas depois não me lembrava de mais nada.

Peguei no computador e pesquisei no histórico o último site que visitara.

«A Eastwood Properties é uma das maiores corretoras independentes do mundo. Apresentamos as propriedades mais prestigiadas e exclusivas aos clientes mais qualificados, garantindo a máxima privacidade para ambas as partes. Quer esteja a analisar o mercado para encontrar uma penthouse de luxo em Nova Iorque com vista para o parque, uma propriedade em Hampton em frente ao mar ou um *chateau* encantador nas montanhas, quer esteja pronto para ter a sua própria ilha privada, a Eastwood é o local onde começam os seus sonhos.»

Havia uma ligação para pesquisar propriedades, pelo que escrevi o nome do local que a mulher mencionara na mensagem de voz: Millennium Tower. Como seria de esperar, a penthouse apareceu à venda. Por apenas 12 milhões de dólares, poderia tornar-me proprietária de um apartamento na Columbus Avenue com vistas deslumbrantes para o Central Park. *Deixe-me só passar o cheque.*

Depois de me babar ao ver um vídeo e duas dezenas de fotografias, cliquei no botão para marcar uma visita à propriedade. Surgiu uma aplicação no ecrã com a seguinte mensagem, na parte superior: «Para a privacidade e a segurança dos nossos vendedores, todos os potenciais

clientes devem preencher um formulário para visitar as propriedades. Apenas os clientes que cumpram os nossos rigorosos critérios de pré-seleção serão contactados.»

Ri-me. *Belos critérios de pré-seleção, ó Eastwood!* Nem tinha a certeza de ter dinheiro suficiente para apanhar o comboio até à Baixa para ir visitar aquela penthouse pretensiosa, quanto mais comprá-la. Sabe Deus o que é que eu tinha escrito no formulário para me tornar uma cliente qualificada.

Fechei o site e estava prestes a baixar a tampa do computador e a voltar novamente para a cama quando decidi espreitar mais uma vez o Sr. Romântico no *Facebook*.

Meu Deus, ele era deslumbrante.

E se...

Não devo fazê-lo.

As ideias formuladas em momentos de embriaguez nunca traziam nada de bom.

Não posso fazê-lo.

Mas...

Aquele rosto...

E aquela mensagem.

Tão romântica. Tão linda.

Além disso, nunca tinha visto o interior de uma penthouse de 12 milhões de dólares.

Não devo fazê-lo, decididamente.

Contudo, bem vistas as coisas, eu passara os últimos dois anos a fazer tudo o que *devia* fazer. E onde é que isso me havia levado?

Aqui. Porra, tinha-me levado até à presente situação: ressecada e desempregada, a viver num apartamento de caca. Talvez estivesse na altura de fazer as coisas que *não devia* fazer, para variar. Peguei no telemóvel e hesitei por momentos antes de permitir que o meu dedo clicasse no botão de devolver a chamada.

Que se lixe!

Nunca ninguém iria saber. Podia ser uma experiência divertida: aperaltar-me e desempenhar o papel de uma residente rica do Upper

West Side para satisfazer a minha curiosidade sobre aquele homem. Que mal teria?

Não me ocorria mal nenhum. *Ainda assim, costuma dizer-se que a curiosidade matou o gato...*

Premi o botão para devolver a chamada.

— Olá. O meu nome é Charlotte Darling e estou a ligar para confirmar a visita com o Sr. Reed Eastwood...

3

Charlotte

— **P**ode dar uma vista de olhos à penthouse ou pode esperar aqui no átrio... como preferir. O Sr. Eastwood está prestes a terminar a visita anterior e irá recebê-la dentro de momentos.

Aparentemente, era preciso mais do que uma pessoa para mostrar uma penthouse de luxo. Não só o Reed Eastwood andava algures por perto, como também fora atribuída uma anfitriã para me receber e me entregar um folheto lustroso com informações sobre a propriedade.

— Obrigada — respondi, antes de ela desaparecer.

Fiquei parada no átrio, agarrada à minha mala verde *Kate Spade*, comprada numa secção de liquidação da T.J.Maxx, a sentir que talvez tivesse cometido um grande erro.

Precisei de me lembrar a mim própria do *motivo* pelo qual ali me encontrava. O que tinha a perder? Absolutamente nada. A minha vida estava um caos, e pelo menos poderia satisfazer a minha curiosidade sobre o autor do bilhete azul e arrumar de vez esse assunto. Só queria saber o que lhe — lhes — acontecera, para depois voltar à minha vidinha.

Passados cerca de 30 minutos, continuava à espera. Conseguia ouvir vozes abafadas do outro lado do espaço, mas ainda ninguém tinha saído. Foi então que se ouviu o som de passos a ecoarem no chão de mármore. O meu coração bateu mais depressa e voltou a abrandar novamente quando vi a anfitriã a acompanhar um casal com um ar abastado pelo átrio em direção à saída. Não havia sinal do Reed Eastwood.

A mulher, com um minúsculo cão branco ao colo, lançou-me um sorriso, antes de desaparecerem os três no interior do elevador.

Onde estará ele?

Por instantes, perguntei-me se se teria esquecido completamente de mim. Estava tudo tão silencioso. Haveria uma saída nas traseiras? Embora talvez eu devesse ter permanecido no átrio, decidi vaguear um pouco e entrei na imponente biblioteca.

O espaço era revestido de madeira escura e masculina. Todas as paredes estavam cobertas de estantes de livros abertas, do chão até ao teto. Sob os meus pés estendia-se um tapete persa que provavelmente custara mais do que o meu rendimento anual.

O cheiro a livros antigos era inebriante. Encaminhei-me para uma das estantes e peguei no primeiro livro que me chamou à atenção: *As Aventuras de Huckleberry Finn*, de Mark Twain. Recordava-me de ter ouvido falar desse livro na escola, há muitos anos, mas não me lembrava de todo da história.

— O primeiro grande romance norte-americano, dependendo de a quem se pergunta.

O meu corpo tremeu ao ouvir a sua voz grave e penetrante. Era o tipo de voz que nos trespassava o corpo todo.

Levei a mão ao peito e virei-me.

— Assustou-me.

— Achou que estava sozinha?

Fiquei paralisada — absolutamente paralisada — enquanto o observava. O Reed Eastwood era tão escuro e intimidante quanto aquela biblioteca. Bastou-me olhá-lo uma vez para ficar com os joelhos a tremer. Era ainda mais alto do que eu imaginara e estava a usar uma camisa certamente feita à sua medida. Ajustava-se perfeitamente às curvas do seu peito. Também usava um laço e uns suspensórios, que faziam qualquer outra pessoa parecer um totó. Porém, naquele homem — naquele peito musculado — ficavam incrivelmente sensuais.

Ele limitou-se a permanecer parado à entrada, observando-me, com uma pasta na mão. Achei um pouco indelicado da sua parte, mas, para ser sincera, não tinha experiência em situações daquelas. Por norma,

um agente imobiliário não estende a mão para cumprimentar o cliente? Não pede desculpa por estar atrasado?

— Já o leu? — A voz dele voltou a ecoar pelo meu corpo.

— O quê?

— O livro que tem na mão. *As Aventuras de Huckleberry Finn*.

— Ah... hum... já. Acho que sim... na escola, há muitos anos.

Senti um arrepio pelo corpo quando ele se aproximou e me lançou um olhar cético, como se conseguisse ver através da minha resposta, deixando-me bastante desconfortável. Os seus olhos assemelhavam-se a chocolate negro — da tonalidade castanha mais escura. Quando me percorreram o corpo, os meus mamilos endureceram.

— O que a fez escolher esse livro em particular?

Dei-lhe uma resposta sincera:

— A lombada.

— A lombada?

— Sim. É preta e vermelha e conjuga-se muito bem com a sala. Para mim, destacou-se.

A boca dele curvou-se num sorriso leve e cínico, embora sem soltar nenhuma gargalhada. Parecia estar a estudar-me. A intensidade do seu olhar deu-me vontade de fugir dali. Esquecer toda aquela loucura. Ele não era *nada* como eu imaginara, tendo em conta a doçura do bilhete azul. *Não* era aquele tipo de personalidade que eu esperava.

— Pelo menos é sincera — comentou, inclinando a cabeça. — Certo?

Eu estava a suar.

— O quê?

— Sincera. — Proferiu a palavra como se estivesse a desafiar-me.

Pigarreei.

— Sim.

Ele aproximou-se mais e tirou-me o livro das mãos, roçando os dedos nos meus. Aquele leve toque pareceu-me eletrizante. Não consegui evitar olhar para a mão esquerda dele, para ver se tinha uma aliança de casado. Não tinha.

— Tratou-se de um livro controverso na época em que foi publicado — disse ele.

— Quer relembrar-me porquê? — *Relembrar-me*. Como se eu alguma vez tivesse sabido a resposta a essa pergunta.

Enquanto aguardava que me respondesse, inspirei o cheiro rústico e almiscarado que ele emanava. Passou os dedos compridos pelos restantes livros da estante e falou sem olhar para mim.

— A história representa uma sátira ao ambiente social vivido no Sul antes do virar do século, mas muitos interpretaram a descrição que o autor faz do racismo e da escravidão de uma forma diferente. Daí a controvérsia. — Por fim, encarou-me. — Provavelmente, ensinaram-lhe isto na escola, mas não estava a prestar atenção.

Engoli em seco.

A minha primeira descoberta sobre o Reed Eastwood: é um idiota condescendente.

Um idiota condescendente que não deixa de ter razão. Eu não estava a prestar atenção.

Voltou a colocar o livro na estante e olhou para mim.

— Costuma ler?

Todas as perguntas que ele me fazia eram proferidas como se de um desafio se tratassem.

— Não. Eu... dantes lia romances. Mas perdi o hábito da leitura. Ele ergueu uma sobrancelha, escarninhamente.

— Romances?

— Sim.

— Então diga-me, Sra. Darling, como é que alguém que não lê, à exceção de um ou outro romance, pode estar interessada numa pent-house com uma biblioteca que ocupa 25 por cento de todo o espaço?

Respondi a primeira coisa que me veio à cabeça, tudo para evitar um silêncio constrangedor entre mim e aquele homem.

— Acho que a biblioteca confere carácter. Estar rodeada de livros é muito sexy... acolhedor... Não sei explicar. Há algo de intrigante numa biblioteca.

Meu Deus, que resposta tão estúpida!

Ele continuou a fitar-me com um olhar inquisitivo, como se estivesse à espera de mais, deixando-me bastante desconfortável, não só

por manter o rosto muito sério, mas também por ser absolutamente *atraente*. O cabelo escuro estava penteado para o lado e, ao contrário do resto, não estava perfeitamente apumado. Tinha também uma barba de três dias, emanando uma energia perigosa que contradizia o seu vestuário composto. Havia algo nos seus olhos que me dizia que ele não teria qualquer problema em inclinar o meu corpo para a frente e dar-me uma palmada no rabo com tanta força que eu sentiria o efeito durante dias. Pelo menos foi nessa direção que a minha mente seguiu.

Estar na biblioteca silenciosa sob o poder do seu olhar começava a deixar-me tensa.

— Vamos ver o resto da penthouse? — disse ele, por fim.

— Sim... por favor. É para isso que cá estou.

— Exato — murmurou ele.

Deixei escapar um suspiro de alívio e senti-me grata pela mudança de cenário. A biblioteca começava a parecer uma masmorra.

O Reed era igualmente impressionante visto de trás. Observei-lhe a curva do rabo a mover-se contra as calças feitas à medida e tentei combater os pensamentos sexuais que me inundavam a mente.

Ele conduziu-me até à imponente cozinha.

— O pavimento é em mogno. Como pode ver, trata-se de uma cozinha *gourmet*, concebida a pensar no *chef*, e recém-remodelada. As bancadas são em granito e a ilha central é em mármore. A cozinha dispõe de eletrodomésticos em aço inoxidável da *Bosch*. E tudo isto com a utilização de materiais de excelência. Os armários são feitos à medida e lacados a branco. Costuma cozinhar, Sra. Darling?

— Sim, às vezes — respondi, endireitando o meu vestido preto.

— Ótimo. Bem, sintá-se à vontade para dar uma vista de olhos. Depois diga-me se tem alguma questão.

Estaria ele a começar a agir normalmente comigo? A minha pulsação acalmou ligeiramente.

Dei uma volta pela enorme cozinha, ouvindo-se o ritmo dos meus saltos altos a baterem no soalho. O Reed pousou os antebraços musculados sobre a ilha central e manteve-se imóvel, seguindo-me com

os olhos. Pelos vistos, a pausa na intensidade do seu olhar fora sol de pouca dura. Estava de volta.

Fiz um esforço para afastar o olhar dele e acenei com a cabeça.

— Muito bonita.

— Tem alguma pergunta?

— Não.

— Está pronta para passarmos à próxima divisão?

— Sim.

A paragem seguinte era a suite principal. O quarto era escuro, mas a ampla janela com uma vista espetacular sobre a cidade compensava a fraca luminosidade.

— Esta é a suite principal. Não deixe de apreciar o interior do generoso guarda-roupa. A casa de banho do quarto inclui um chuveiro com vapor de água, banheira de hidromassagem e pavimento de mármore. Como pode verificar, este quarto tem a melhor vista de todo o apartamento.

Demorei o tempo que precisava, observando tudo num esforço incansável para parecer séria. O Reed seguiu-me de perto, deixando o meu corpo em verdadeiro estado de alerta. Sentia-me altamente vulnerável à sua sensualidade, o que não me agradava. Aquele homem não era simpático. Não era o Reed, ou pelo menos não o Reed com quem eu fantasiara. A ideia era o meu Reed conceder-me uma esperança renovada. Aquele Reed estava a sugar-me lentamente a vida.

Quando regressámos ao espaço principal do quarto, ele fitou-me.

— Tem alguma pergunta? Algum comentário?

Só precisava de acabar com aquilo. *Diz alguma coisa.*

— Estava a pensar... hum... que talvez seja demasiado espaçoso para mim.

Ele sentou-se na cama e cruzou os braços, ainda com a pasta na mão.

— Demasiado espaçoso...

— Sim. Estava a pensar que talvez seja demasiado apenas para mim. Eu... passo muito tempo a trabalhar. E... não teria tempo para desfrutar da casa.

Ele fitou-me intensamente.

— Ah, pois é. Tem as aulas de surf para cães.

Surf para cães?!

— Desculpe?

Bateu com o dedo indicador na pasta.

— A sua profissão. Quando preencheu o formulário, introduziu todas as suas informações. Parece ser um trabalho muito complexo: *surf para cães*. Como é que alguém se torna instrutora de tal coisa?

Oh, merda!

No que é que me fui meter?

Naquele momento, era mais fácil mentir do que explicar a verdade.

Comecei a falar atabalhoadamente.

— É... como acabou de dizer... é um trabalho bastante... complexo. Exige... muitas aulas. Muita prática.

— Como é que funciona ao certo?

Como é que funciona o surf para cães? Sei lá eu!

— Eu ponho-me de pé na parte de trás da prancha e... o cão fica de pé na parte da frente... e hum... ele... — Perdi a linha de raciocínio.

— Surfa. — A palavra saiu-lhe por entre uma gargalhada.

— Sim.

Ele levantou-se da cama e aproximou-se de mim.

— Ganha-se bem?

Engoli em seco e abanei a cabeça.

— Não, não.

Ele começou a disparar as perguntas mais rapidamente.

— Então, é de uma família abastada?

— Não.

— Se o seu trabalho não lhe permite pagar um apartamento destes, como tenciona pagá-lo?

— Tenho outros rendimentos...

Ele assumiu um olhar gélido.

— A sério? O seu relatório de crédito diz que *não* tem outros rendimentos. Na verdade, diz que não tem onde cair morta, *Charlotte*.

— O meu nome rolou-lhe da língua como se fosse uma obscenidade.

Ele puxou um pedaço de papel da pasta e segurou-o em frente aos meus olhos.

— Onde é que arranjou isso? — perguntei-lhe por entre dentes, arrebatando-lho da mão. — Andou a investigar-me?

— Acha mesmo que vou mostrar um apartamento de 12 milhões de dólares a alguém sem verificar os antecedentes da pessoa? — O seu tom de voz tornara-se mais irritado. — Não pode ser assim tão ingénua.

Fui invadida por uma sensação de humilhação.

— Mas não pode verificar os meus antecedentes sem a minha autorização.

Ele semicerrou os olhos.

— Deu-me autorização quando clicou na caixa para submeter o seu formulário de visita. Que surpresa, esse pormenor parece ter-lhe escapado.

Baixei as minhas defesas.

— Então, sabia disto deste o início?

— Claro que sabia — disparou ele. — Vejamos algumas das coisas que não se lembra de ter introduzido no formulário.

Oh, não!

Abriu a pasta.

— Trabalho atual: instrutora de surf para cães. Passatempos e interesses: cães e surf. Trabalho anterior: relações-públicas do Deez Nuts. — Atirou a pasta para o lado, ou melhor, arremessou-a pelo quarto. Os documentos voaram por todo o lado. — Porque é que veio cá?

Fiz um pouco de chichi nas cuecas.

— Só queria ver...

— *Ver...* — repetiu ele, rangendo os dentes brancos.

— Sim. Vim para ver... — *Para te ver a ti.* — E não estava a contar que fosse tão mau.

Ele soltou uma gargalhada furiosa.

— Mau?! Não tem o menor respeito pelo valor do tempo de uma pessoa, entra aqui com um perfil totalmente falso e chama-me mau *a mim?* Acho que tem de se olhar ao espelho, Charlotte Darling.

Por muito surpreendente que seja, esse parece *ser* o seu nome verdadeiro. O motivo pelo qual mentiu em relação a tudo o resto e me deu o seu nome *verdadeiro* escapa à minha compreensão, já para não dizer que é uma idiotice. Por isso, não. Se eu fosse *mau*, estaria neste momento a chamar a segurança.

A segurança?!

Perdi as estribeiras.

Como é que ele se atrevia a falar assim? Eu só tinha vindo *vê-lo*. Certificar-me de que ele estava bem, de que *eles* estavam bem. E, embora não o pudesse admitir, o facto de ele se ter mostrado tão execrável operou uma mudança em mim.

— Está bem. Quer saber a verdade? Estava curiosa. Curiosa com este apartamento... curiosa com aquilo que parecia o total oposto da minha vida ultimamente. Ansiava por uma mudança. Há semanas que andava na lama, por isso, uma destas noites, embebedei-me um pouco. Andei a pesquisar na Internet e encontrei este apartamento. Encontrei-o a si. Queria vir *vê-lo*, não porque tivesse más intenções, não para desperdiçar o seu tempo, mas porque queria apenas alimentar um pouco de esperança de que as coisas um dia pudessem mudar. Talvez quisesse fingir que as coisas não estavam tão miseráveis quanto na verdade estavam. Nem sequer me lembro de introduzir essas informações ridículas! Tudo o que sei é que recebi uma chamada a confirmar esta visita e aceitei-a, pensando que talvez fosse o destino, que devia vir e usufruir de algo extraordinário. — O Reed ficou calado. Por isso, prossegui. — E costumo *ler*, *Reed*. Fiquei com vergonha de lhe dizer a verdade. Continuo a ler romances, mas apenas os livros que têm cenas com sexo *hardcore*, uma vez que, neste momento, sou completamente celibatária, por não confiar o suficiente em ninguém para se aproximar de mim desde que o meu noivo me traiu. Por isso, sim, leio, *Reed*. Leio muito. E daria um grande uso a essa biblioteca. O único problema é que não poderias exhibir os meus livros a potenciais clientes empregados. — A boca dele curvou-se ligeiramente. — Se me derem uma panela para a mão, eu cozinho o que quer que seja. Mas nunca usaria a cozinha desta casa. É demasiado grande.

Já este quarto? Nem pensaria duas vezes. Seria um sonho. À semelhança de toda esta experiência. É apenas um sonho que eu nunca poderei viver. Por isso, pode recriminar-me por ser uma *sonhadora*, Eastwood.

Saí disparada, não sem antes tropeçar no tapete à saída.

4

Charlotte

— **R**aaios partam!
Consegui conter as lágrimas até encontrar uma casa de banho na entrada da Millennium Tower. Sem saber como, aguentei o choro até entrar numa das enormes divisórias para fazer chichi. Porém, não havia papel higiénico, pelo que abri a mala, à procura de um lenço, enquanto continuava a soluçar. As minhas mãos ainda não tinham parado de tremer desde o incidente com aquele idiota e, remexendo atabalhoadamente na mala, fiz com que os conteúdos caíssem ao chão. Ao bater contra o elegante mosaico, o meu telemóvel partiu-se. Foi aí que me fui abaixo e desatei a chorar.

Sentei-me na tampa da sanita, já pouco importada com os germes, e chorei desalmadamente. Não estava a chorar apenas pelo que acontecera na penthouse. Há muito que andava a conter aquelas lágrimas, que desabaram num choro feio e agressivo. Se ultimamente as minhas emoções eram uma autêntica montanha-russa, encontrava-me agora na parte em que esticamos as mãos no ar e descemos a 160 quilómetros por hora. Ainda bem que a casa de banho estava vazia, pois eu tinha o péssimo hábito de falar sozinha quando estava verdadeiramente transtornada.

— Mas que raio me passou pela cabeça?! Surf para cães?! Meu Deus, sou mesmo idiota! Poderia ao menos ter passado uma vergonha à frente de um homem menos intimidante? Talvez um homem que

não fosse um Adónis alto, moreno, confiante e com mau feitio? Por falar em homens, porque é que os homens bonitos são sempre uns sacanas?

Não estava à espera de uma resposta, mas recebi-a. Ouvi a voz de uma mulher algures na casa de banho, do outro lado da divisória.

— Quando Deus estava a fazer o molde para os homens bonitos, perguntou a um dos seus anjos do sexo feminino o que mais poderia acrescentar para tornar um homem mais atraente aos seus olhos. Ela não quis ser desrespeitosa e utilizar linguagem obscena, pelo que se limitou a dizer: «Dá-lhe um pau grande.» Infelizmente, essa parte foi acrescentada atrás e agora todos os homens bonitos nascem com um grande pau enfiado no traseiro.

Dei uma gargalhada, soltando uma fungadela pouco atraente.

— Não há papel higiénico nesta divisória. Importa-se de me passar um pouco?

Vi surgir uma mão sob a porta, a segurar um pedaço de papel.

— Aqui tem.

— Obrigada.

Depois de usar metade do papel para me assoar e secar o rosto e a outra metade para me limpar, respirei fundo e comecei a apanhar os conteúdos da minha mala, espalhados pelo chão.

— Ainda está aí? — perguntei.

— Sim. Achei melhor esperar, para me certificar de que está bem. Ouvi-a chorar.

— Obrigada. Mas eu fico bem.

Quando finalmente saí da divisória onde me encontrava escondida, deparei-me com uma mulher sentada num banco em frente a um espelho. Devia ter uns 70 anos, mas estava de fato e tinha um aspeto elegante.

— Está bem, minha querida? — perguntou ela.

— Sim, estou.

— Não parece estar bem. Porque não me conta o que a deixou trans-tornada?

— Não a quero incomodar com os meus problemas.

— Às vezes, é mais fácil falar com um estranho.

Suponho que deve ser melhor do que falar sozinha.

— Para ser sincera, nem saberia por onde começar.

A mulher bateu com a mão no lugar ao seu lado.

— Comece pelo início, minha querida.

Ri-me.

— Vai ficar aqui até à próxima semana.

Ela esboçou-me um sorriso gentil.

— Tenho o tempo todo de que precisarmos.

— Tem a certeza? Parece estar a caminho de uma reunião do conselho ou da entrega de um prémio num evento de beneficência qualquer.

— É umas das únicas vantagens de ser a patroa. Fazemos o nosso próprio horário. Então porque é que não começa por me explicar a situação do surf para cães? Isso existe mesmo? Porque eu tenho um cão de água português que talvez esteja interessado.

— ... e depois saí a correr. Quer dizer, não censuro o fulano por ter ficado chateado por eu o ter feito perder tempo. Mas ele fez-me sentir uma idiota chapada por ter sequer sonhos.

Estava a falar com a Iris, a minha nova amiga, há mais de uma hora. Fiz o que ela sugeriu e comecei pelo início. Falei-lhe do noivado, da separação, do meu trabalho, da nova noiva do Todd, da marcação da minha visita ao apartamento num momento de embriaguez e da descompostura que me levou às lágrimas na casa de banho. Não sei bem porquê, até lhe cheguei a contar que era adotada e que desejava muito vir a encontrar, um dia, a minha mãe biológica. Não que eu achasse que isso tinha alguma coisa que ver com o motivo pelo qual estava transtornada naquele momento; ainda assim, dei por mim a desabafar e a contar-lhe os meus infortúnios.

Quando finalmente terminei a minha história, ela recostou-se.

— Faz-me lembrar alguém que eu conheci há muito tempo, Charlotte.

— A sério? Então não sou a primeira desgraçada desempregada, solteira e falida a ter um colapso nervoso enquanto a Iris estava a tentar lavar as mãos?

Ela sorriu.

— Agora é a minha vez de lhe contar uma história, se tiver algum tempo.

— O que eu tenho mais é tempo, literalmente.

A Iris começou.

— Em 1950, uma jovem de 17 anos terminou o liceu e acalentava sonhos de entrar na faculdade para estudar Gestão. Na altura, poucas mulheres iam para a faculdade e menos ainda estudavam Gestão, uma área maioritariamente masculina. Certa noite, pouco depois da formatura, a jovem conheceu um bonito carpinteiro. Os dois viveram um namoro arrebatador e a rapariga depressa mergulhou no mundo dele. Aceitou um trabalho como secretária que consistia em atender telefonemas para o negócio da família para o qual o carpinteiro trabalhava, passou as noites a ajudar a mãe dele a tratar da casa e relegou as suas próprias paixões e sonhos.

» No dia de Natal, em 1951, o homem pediu-a em casamento e a mulher aceitou, achando que no ano seguinte estaria a viver o sonho americano de ser uma dona de casa. Porém, três dias depois, o jovem foi chamado para o Exército. O mesmo aconteceu a alguns dos seus amigos, e muitos deles casaram-se com as namoradas antes de irem cumprir o serviço militar. Contudo, o carpinteiro desta mulher não queria fazer isso. Assim, ela jurou que esperaria por ele e passou os anos seguintes a trabalhar no negócio da carpintaria do pai dele. Quando o soldado regressou finalmente a casa quatro anos depois, ela estava pronta para o final feliz da sua história. Só que, no dia do seu regresso, ele informou-a de que se apaixonara por uma secretária da base militar e queria romper o noivado. Chegou a ter a audácia de lhe pedir o anel que lhe havia oferecido, para poder oferecê-lo à nova namorada.

— Ui! — exclamei eu. — Cheguei a mencionar que a nova noiva do Todd está a usar o meu anel de noivado? Quem me dera não lho ter atirado à cara!

— Não o devia ter feito, de facto — concordou a Iris. — Foi isso que esta rapariga fez. Recusou-se a devolver o anel e disse-lhe que iria ficar com ele como forma de pagamento pelos quatro anos que havia perdido. Após alguns dias a lamber as feridas, recuperou a dignidade, ergueu bem a cabeça e vendeu o anel. Usou o dinheiro para pagar as primeiras aulas de Gestão na faculdade.

— Uau! Foi uma valente!

— Bem, a história não acaba aqui. Ela terminou o curso, mas teve muita dificuldade em arranjar um emprego. Ninguém a queria contratar para gerir uma empresa, quando a única experiência que tinha era a trabalhar como secretária para a empresa de carpintaria da família do ex-noivo. Por isso, ela embelezou um pouco o currículo. Em vez de dizer que tinha sido a secretária da empresa de carpintaria, escreveu que fora a gestora; e em vez de mencionar que as suas funções consistiam em preparar orçamentos e atender telefonemas, disse que consistiam em redigir ofertas e negociar contratos. Graças à melhoria do currículo, conseguiu uma entrevista de emprego numa das maiores empresas de gestão de propriedades de Nova Iorque.

— Conseguiu o emprego?

— Não. O diretor de recursos humanos conhecia o seu ex-noivo e, sabendo que ela tinha mentido sobre as responsabilidades que assumira na empresa de carpintaria, deu-lhe um raspanete durante a entrevista.

— Oh, meu Deus! Exatamente o que me aconteceu hoje com o Sr. Pau-Enfiado-No-Rabo.

— Exatamente.

— Então e depois?

— Por vezes, o mundo dá voltas engraçadas. Um ano mais tarde, ela chegou a um cargo de topo numa empresa concorrente mais pequena de gestão de propriedades e recebeu um currículo do Sr. Locklear, o homem que lhe havia dado o raspanete durante aquela primeira entrevista. Ele tinha descido de posto e andava à procura de emprego. Assim, ela chamou-o para a entrevista, com a intenção de lhe dar uma reprimenda semelhante à que ele lhe dera. Mas, no final, decidiu

colocar o orgulho de lado e contratou-o, pois ele tinha qualificações para o trabalho e, verdade seja dita, ela mentira, de facto, no currículo.

— Uau! E o Sr. Locklear mostrou ser a escolha certa para o cargo?

Ela sorriu.

— Mostrou, sim. Depois de a mulher lhe retirar o pau do rabo, eles trabalharam muito bem em conjunto. Na verdade, acabaram por abrir a sua própria empresa de gestão de propriedades, que se tornou uma das maiores empresas do estado. Antes de ele morrer, eles celebraram 40 anos de trabalho no setor, 38 dos quais casados.

Ao ver o sorriso no rosto dela, percebi.

— Então o seu nome é Iris *Locklear*?

— Sim. E a melhor coisa que me aconteceu foi aquele soldado ter rompido o nosso noivado. Não nasci para ser dona de casa. Tinha-me esquecido dos meus próprios sonhos. Ser uma funcionária num armazém era a sua carreira de sonho, Charlotte?

Abanei a cabeça.

— Estudei arte na faculdade. Faço escultura.

— Quando foi a última vez que fez uma escultura?

Os meus ombros descaíram.

— Há alguns anos.

— Precisa de voltar a dedicar-se à escultura.

— Não dá propriamente dinheiro para pagar as contas.

— Talvez não. Mas precisa de descobrir como apreciar a vida que tem enquanto trabalha para ter a vida que quer. Para conseguir encontrar um trabalho que pague as contas e poder dedicar-se à escultura à noite. E aos fins de semana. — Ela sorriu. — Isso irá impedi-la de andar na Internet a submeter formulários com informações falsas para visitas a propriedades.

— É verdade.

— Tudo acontece por um motivo, Charlotte. Aproveite este tempo para reavaliar a sua vida e aquilo que quer fazer com ela. Foi o que eu fiz. Só poderá encontrar a verdadeira felicidade dentro de si mesma, e não dentro de outras pessoas, por muito que goste delas. Faça-se feliz a si própria e o resto virá. Acredite em mim.

Ela tinha toda a razão. Eu andava tão ocupada a ser infeliz e a amuar pelos cantos, que me esquecera de que havia coisas que eu adorava e que me deixavam feliz. As *minhas* coisas. Fazer escultura, viajar... Sentia uma estranha vontade de ir a correr para casa elaborar uma lista daquilo que queria fazer.

— Muito obrigada, Iris.

Dei-lhe um abraço forte, sem me preocupar com o facto de, uma hora antes, ela não passar de uma estranha.

— Não tem de quê, minha querida.

Lavei as mãos e, com a ajuda do espelho, fiz os possíveis para limpar a maquilhagem esborratada do meu rosto. Quando terminei, a Iris levantou-se.

— Gosto de si, Charlotte.

Ri-me.

— Claro que gosta; eu faço-a lembrar a si.

Ela entregou-me um cartão de visita.

— Tenho uma vaga para assistente. É sua, se quiser.

— A sério?

— A sério. Apareça na segunda-feira, às 9 horas. O endereço está no cartão.

Fiquei boquiaberta.

— Não sei o que dizer.

— Não diga nada. Mas leve-me a peça de cerâmica que fizer este fim de semana.

SERÃO AS PALAVRAS CAPAZES DE DIZER TUDO?

Nada faria prever que a venda do vestido de noiva que eu nunca cheguei a usar me faria cruzar com a mais meiga mensagem de amor que alguma vez lera. *Obrigado por tornares todos os meus sonhos realidade.* Assim terminava o bilhete cosido ao forro de um vestido numa loja de roupa vintage. Quem o assinava era Reed Eastwood, que só podia ser o homem mais romântico de sempre. E eu não iria descansar enquanto não o descobrisse.

Quis o destino que uma oferta irrecusável me colocasse a trabalhar na empresa dele. E, de repente, Reed Eastwood, aquele homem deslumbrante e lindo de morrer, passou a ser o meu patrão. Mas a verdade é que o meu emprego de sonho poderia vir a transformar-se em pesadelo, já que bem depressa descobri que Reed era afinal arrogante, cínico e paternalista!

Mas nada disso iria demover-me de descobrir a história por detrás daquela mensagem tão bonita. Ainda que para mim ele guardasse as palavras mais amargas, algo de muito doce se escondia naquele homem.

Mas... seria eu capaz de derreter aquele coração?

OU POR VEZES O CORAÇÃO FALA MAIS ALTO?

LIVRO MAIS VICIANTE DO ANO PARA A AMAZON

BESTSELLER DA AMAZON CHARTS,

DO WALL STREET JOURNAL E DO WASHINGTON POST

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-799-1



9 789896 687991

Romance Erótico